

**VALHAM AS INTENÇÕES DESTE PROGRAMA:  
O SUPLEMENTO LITERÁRIO DE MINAS GERAIS E  
O IDEAL DE LEGITIMAÇÃO DA CRIATIVIDADE ARTÍSTICA**

Anelito de Oliveira

*para Angelo Oswaldo*

Criatura de Murilo Rubião, consolidador do “fantástico” na literatura brasileira, o “Suplemento Literário” circulou pela primeira vez em 3 de setembro de 1966, um sábado. Trazia na primeira página uma “Apresentação” – esta é a palavra que serve de título ao texto -, um modesto e preciso editorial, sem assinatura. O exemplar que consulto desse primeiro número, constante da coleção que hoje se encontra sob a guarda da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, é precioso, especialmente pelo que informa sobre o espírito do “Suplemento”. Aqui encontram-se dedicatórias de Emílio Moura, Rubem Braga, Eduardo Frieiro e Murilo Rubião, entre outros, ao irmão pouco conhecido de Pedro Nava, o psiquiatra e escritor José Nava, a quem pertencera esse exemplar. Ouçamos esta “Apresentação”, que talvez tenha sido redigida pelo próprio Rubião:

Cumprindo mais uma etapa de seu atual programa de renovação, o *Minas Gerais* lança hoje o “Suplemento Literário”, de publicação semanal e que circulará regularmente com a edição de sábado. A função precípua de “Órgão Oficial dos Poderes do Estado” em nada contraria o propósito de apresentar este jornal caráter mais amplamente informativo como os outros. Essa foi a orientação mantida durante vários decênios da história do *Minas Gerais*, tradição interrompida temporariamente e que ora se procura retomar. Melhor ainda se insere na presente fase renovadora o lançamento de um suplemento dedicado à literatura e à arte em geral, providência que se compreende também no plano cultural do governo. Justo, portanto, que neste primeiro número se faça menção dos nomes do Governador Israel Pinheiro e do seu digno auxiliar, o jornalista Raul Bernardo Nelson de Senna, ex-Diretor da Imprensa Oficial que, na sua profícua gestão, teve a esclarecida iniciativa de criar o “Suplemento Literário”.

Na sua simplicidade, o título escolhido para esta nova seção do *Minas Gerais* contém o essencial de um programa consciente. Deliberamos reivindicar a importância da literatura, freqüentemente negada ou discutida. Para começar, tomamos o termo na acepção mais ampla.

Nessa ordem de idéias, o “Suplemento Literário” vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música. Sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável. A fidelidade à Província nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo.

O anseio de atingir a esquiva perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível. Para tanto, a Comissão de Redação dará o máximo de si mesmo (sic), para poder

exigir igual esforço dos demais escritores da equipe responsável. O trabalho solidário há de superar fraquezas e deficiências.

Esperamos reviver significativa tradição deste jornal, que a história das letras em Minas não deixou de registrar. Alguns entre os mais influentes escritores de hoje publicaram no *Minas Gerais* as primeiras manifestações de seu talento, em poesia e prosa. Ombreamos então com autores já consagrados pela crítica e pelo público. De maneira idêntica procederemos agora, em relação a novos e a colaboradores de conceito firmado.

Valham as intenções deste programa. Assim nos seja dado cumpri-lo.<sup>1</sup>

Não são comuns, naturalmente, as “intenções deste programa” em relação à ordem política então estabelecida no país pelos militares, nem em relação ao jornalismo habitual e, muito menos, em relação ao ponto de vista predominante sobre cultura. Entretanto, não são intenções de todo incomuns, capazes de perturbar e mesmo de entrar em atrito com outros “programas”; não se trata, portanto, de intenções radicais, intransigentes, mas, ao contrário, transigentes. Assim mesmo é que elas se deixam datar: trata-se de intenções de um periódico que nasce não só dentro de um órgão estatal, a Imprensa Oficial de Minas Gerais, mas dentro de um recém-implantado regime militar. Este fato histórico por si só já é mais do que suficiente para que procuremos as segundas intenções desse texto de apresentação. Quais seriam, afinal, as intenções das “intenções deste programa”?

A principal delas, a meu ver, encontra-se por trás desta: “Deliberamos reivindicar a importância da literatura, freqüentemente negada ou discutida”. Uma vírgula, grafada logo depois da palavra “literatura”, confere significativa ambigüidade ao enunciado: a “importância” ou a “literatura”? Qual das duas é “freqüentemente negada”? Parece-me sensato pensar que, para o autor dessa “Apresentação”, negar a importância da literatura já é negar a literatura. O que tem importância, o que importa, é um valor reconhecido pela sociedade; o que não tem importância,

---

<sup>1</sup> Apresentação. In: *Minas Gerais*, “Suplemento Literário”, ano 1, número 1, Belo Horizonte, sábado, 3 de setembro de 1966.

por outro lado, não vale nada. Assim, reivindicar a importância da literatura significa reivindicar o reconhecimento do seu valor. Da parte de quem? Podemos perguntar, já sabendo a resposta: da parte da sociedade. Assim, a segunda intenção se apresenta: a sociedade é que nega ou, no mínimo, discute, questiona a importância da literatura. Por quê, fundamentalmente?

É possível garimpar uma resposta no próprio enunciado, uma intenção a esse respeito. “Para começar”, diz-se, “tomamos o termo na acepção mais ampla”. E ilustra-se sua noção de amplitude: “Nessa ordem de idéias, o Suplemento Literário vai inserir não só poesia, ensaio e ficção em prosa, mas também a crítica literária, a de artes plásticas, a de música”. Assim, a primeira intenção, agora, é dizer que a negação ou questionamento da importância da literatura decorre do fato de a tomarem numa acepção restrita, estreita, tradicional. O conceito de literatura, no “Suplemento Literário”, também contemplará a crítica literária e de outras artes. Essa “acepção mais ampla” de literatura tem sua justificativa denunciada logo em seguida, quando lemos que “sem negligenciarmos os aspectos universais da cultura, queremos imprimir a estas colunas feição predominantemente mineira, assim no estilo de julgar e escrever, como na escolha da matéria publicável”.

Deste tópico, pode-se depreender, primeiramente, a intenção de afirmar que uma “acepção mais ampla” de literatura implica entendimento de que essa expressão artística é um dos aspectos da cultura, é parte integrante de um todo multifacetado. Por outro lado, pode-se depreender, também, uma intenção de, ao lidar com os “aspectos universais da cultura”, não perder a referência do local, a “feição mineira”. Essa preocupação não prenderia o periódico nas malhas do provincianismo porque, assim como o conceito de literatura, o de província também é outro, para esse olhar fundador do “Suplemento”. “A fidelidade à província, nos termos que (sic) a situamos, até conjura o perigo do provincianismo”. Quais são esses termos? Intenta-se sugerirlos nesta passagem, com a qual encerro esta leitura, digamos, do literal, das próprias palavras

escritas: “O anseio de atingir a esquiua perfeição configura a chamada mineiridade, na opinião de alguns. Porque cientes e conscientes dos lados negativo e positivo de semelhante intenção, permitimo-nos a coragem de aspirar ao melhor que nos seja possível”.

Portanto, os termos que situam a Província são aqueles que dizem respeito ao desejo de atingir a perfeição. A mineiridade, modo específico de ser mineiro, consiste, de acordo com a “Apresentação”, no anseio de chagar ao perfeito, ao ideal, ao equilíbrio. O trecho encerra-se, o que é mais significativo, com a idéia de valor, em face da qual pode-se falar numa intenção de associar ao local, a Província, o comprometimento com o valoroso, o “melhor”. O que é, pois, o “melhor”, de acordo com o olhar fundador do “Suplemento Literário”? Aquilo que corresponde ao neoclássico ideal de perfeição que define, metonimicamente, a Província, já que define a mineiridade.

\*

A natureza do “Suplemento Literário”, sua conformação simbólica, aquilo que o distingue e garante sua continuidade há quase quatro décadas, torna-se mais compreensível em face das “intenções” apresentadas nessa aparentemente despretensiosa “Apresentação” editorial. Trata-se de uma natureza motivada pelo contexto político-cultural em que o periódico surgiu, bem como pelo desprezo que a sociedade moderna, sobretudo num espaço de anômalo capitalismo como o brasileiro, tem pelas práticas artísticas, especialmente pelas primordiais, como a literária. Mas a

motivação decisiva para essa natureza decorre mesmo, a meu ver, do modo como a sociedade mineira se relaciona com a instância da “fantasia”, de um modo geral, não apenas com as coisas da arte, que já são repercussão do estado de ser, do “fantasiar”, do deslocar, enfim, do delirar.

Configurada, precisamente, no “século das luzes”, essa sociedade, como não poderia deixar de ser, prima pela observância da Razão. O que não lhe parece racional, que se lhe apresenta regido apenas por impulsos “inconscientes”, tende a ser reprimido e, no limite, banido, a fim de que fique preservada a ordem social estabelecida sempre à revelia da maior parte dos “ordenados” – como, de resto, verifica-se em toda a sociedade brasileira e outras com processo semelhante de formação. Em Minas Gerais, a imagem capital da repressão – e conseqüente banimento – daquilo que perturba a ordem social vem, naturalmente, da cena inconfidente. Trata-se de um evento que fala – e deve sempre falar – a quem lida com a letra neste lugar, uma vez que os letrados ali não só estão implicados, como são mesmo os protagonistas de uma discórdia que teve desdobramento sem precedentes.

Como demonstra o historiador Donald Ramos em artigo de recente aparição, todo o Século das Luzes em Minas Gerais foi permeado por “conflitos espirituais”, uma constante “luta pela alma”, pelo direito a vivenciar o “espaço espiritual” próprio. Não se trata nunca, naquele contexto, de uma luta individual, mas sempre de uma luta coletiva, nunca de uma luta meramente social, mas, sobretudo, de uma luta cultural, estimulada por valores humanos fundamentais, inalienáveis. O que ali provoca essa luta é sempre a ação de uma “cultura dominante” no sentido de sufocar as “culturas alternativas”. Creio que esse projeto continua vigorando em Minas Gerais, assim como em grande parte do país. Em contrapartida, continua vigorando a “luta pela alma”.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> RAMOS, 2001, p. 15-19.

Ironicamente, o “Suplemento Literário”, no âmbito midiático, tende a se me apresentar como um exemplo dessa luta. Ironicamente, claro, por ter nascido e continuar existindo no espaço da cultura dominante, ou, pelo menos, no espaço dominado por aqueles que constituiriam a elite que está por trás da cultura dominante, ou seja, por ter nascido e continuar existindo no seio da instituição pública. O ideal, o que era e ainda é se esperar, é que a “luta pela alma”, a defesa do direito ao “espaço espiritual”, fosse travada fora das instituições públicas. Assim, o “Suplemento Literário de Minas Gerais”, com esta sua especificidade de localização na esfera dos “media”, provoca-nos no sentido de pensar sobre a modulação do espaço institucional em Minas Gerais.

Não é difícil reconhecer nesse espaço a ambigüidade que, sem dúvida, singulariza o mineiro, uma alma que, mito ou não, acaba mesmo por sempre hesitar entre libertária e reacionária, que não vê oposição entre esses termos, mas antes complementação. O espaço institucional mineiro ilustra, com precisão, aquele postulado de Pierre Bourdieu, segundo o qual o Estado revelaria uma “mão” direita e outra esquerda, uma mão outra.<sup>3</sup> Essa segunda mão – uma espécie de – é que tem sido responsável, nestas quatro décadas, pela feição serena, mas intimamente rebelde do Suplemento, pela sua dimensão de inquietude, através da qual pode-se falar numa defesa da legitimidade da criação artística, uma dimensão digna do intelectual crítico que, ainda no entendimento de Bourdieu, funciona como um “contra-poder” dentro mesmo do poder, dado indispensável para que se possa falar na existência de uma “verdadeira democracia”.

---

<sup>3</sup> BOURDIEU, 1998, p. 9-20.

## **Bibliografia**

“Apresentação”. In: *Minas Gerais*, “Suplemento Literário”, ano 1, número 1, Belo Horizonte, 3 de setembro de 1966.

BOURDIEU, Pierre. A mão esquerda e a mão direita do Estado. In: *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RAMOS, Donald. A luta pela alma: conflito espiritual nas Minas Gerais do século XVIII. In: *Oficina do inconfidência: revista de trabalho*, Ouro Preto, ano 2, n. 1, dezembro de 2001, p. 13-46.